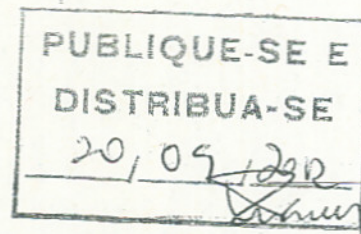




VOTO DE PESAR N.º 4/XII/2ª



## PELO FALECIMENTO DE EMMANUEL NUNES

No passado dia 2 de Setembro, Portugal perdeu mais um grande vulto da sua cultura. Nascido a 31 de agosto de 1941 em Lisboa, faleceu em Paris, aos 71 anos de idade, o compositor e pedagogo Emmanuel Nunes, reconhecido em Portugal e em toda a Europa como um dos principais compositores de referência da sua geração.

Aluno em Portugal de Fernando Lopes-Graça e Francine Benoît, a partir de 1964 exilase em Paris para aprofundar a sua aprendizagem e por oposição à ditadura.

Altamente racional nas suas opções estéticas, a sua obra revela um caminho próprio, na senda das linhagens mais vanguardistas que a Europa trilhou a partir dos Cursos de Darmstadt, na Alemanha, no início dos anos 60, centro musical onde chegou em busca de conhecimento, entusiasmado pela descoberta da vanguarda musical que se produzia na Europa central, praticamente desconhecida em Portugal.

Em 1971 obteve o prémio de Estética da Escola Superior do Conservatório Nacional de Música de Paris, e de 1978 a 1979 é convidado pela DAAD de Berlim como compositor residente.

Inicia a sua carreira como pedagogo, em 1974, na Universidade de Pau, em França, e leciona na Escola Superior de Freiburg em Breisgau, Alemanha, na Escola Superior do Conservatório Nacional de Música de Paris e em Harvard, entre outros locais. Entre 1988 e 2007 trabalha regularmente com o IRCAM (Institut de Recherche et Coordination Acoustique/Musique) de Paris, fundada por Pierre Boulez.

O seu destino como compositor ficou marcado pelo debate estético e pela reflexão intelectual em torno dos caminhos da linguagem musical que foi beber em Pierre Boulez, Henri Pousseur e Karlheinz Stockhausen, tendo sido ele próprio um interventor direto dos caminhos da música erudita ocidental a partir do final da década de 70.

Consciente da revolução estética que pode representar o recurso às novas tecnologias, Emanuel Nunes interessa-se particularmente pelo aspeto “orgânico” da obra, misturando criatividade e conhecimento científico, e dando assim corpo ao que muitos consideraram um “pensamento musical luxuriante”.





Os primeiros concertos da obra de Emmanuel Nunes têm lugar na Fundação Gulbenkian em Lisboa, em 1970 e 1971, mas a notoriedade vem com a estreia de RUF, encomendada pela Fundação Calouste Gulbenkian e estreada em 1977 no Festival de Donaueschingen, que marcaria a entrada de Emmanuel Nunes na cena internacional.

NACHMUSIK, MACHINA MUNDI, LICHTUNG, QUODLIBET, são alguns dos títulos incontornáveis da sua vasta produção musical, que trilhou sempre um caminho difícil, num universo próprio e num projeto estético pessoal, marcado pelo fascínio com as possibilidades proporcionadas pela tecnologia e pela informática, pela integração da eletrónica em tempo real no efeito sonoro, e, em particular, pela distribuição espacial das fontes sonoras.

Ao longo das décadas de 80 e 90, do século passado, a sua obra foi passando a constar do repertório dos agrupamentos mais importantes de música contemporânea mundial como o *Ensemble Modern* ou o *Ensemble Intercontemporain*, e apresentada em salas e festivais de todo o mundo, como o de Paris, Edimburgo, Bruxelas ou Zurique.

A obra vasta que deixou aborda inúmeros géneros - do solo instrumental ao gigantismo sinfónico, passando por inúmeras combinações de câmara e de conjunto, pela escrita vocal, solista, a cappella ou coral-instrumental, pela ópera e pela música eletrónica, cujos territórios explorou sistematicamente e para cujo desenvolvimento estético deixou um contributo internacionalmente reconhecido.

Ao longo de quase quatro décadas, Emmanuel Nunes nunca deixou de estar próximo de Portugal e do seu universo musical. Manteve presença regular nas programações das principais instituições culturais portuguesas, quer através da Fundação Calouste Gulbenkian - que lhe encomendou grande parte da sua obra, a apresentou ao longo das várias Temporadas e apoiou a sua internacionalização -, quer através da Casa da Música e do agrupamento Remix, ou ainda, do Teatro Nacional de São Carlos que lhe encomendou e apresentou em 2007 a sua única ópera, *Das Marchen*.

Em Portugal, marca uma geração de jovens compositores que com ele contactaram e que sob a sua orientação se abriram a horizontes estéticos de grande complexidade e de especificidade própria, sem paralelo nas correntes estéticas nacionais.

De si próprio e do seu trabalho diz: "*é mais importante saber o que não quero, do que o que quero*".

Condecorado pelo governo francês, como *Officier des Arts et des Lettres* em 1986 e pelo governo português, como *Comendador da Ordem de Santiago* em 1999, Emmanuel Nunes recebeu o *Prémio da Música do International Music Council da UNESCO*, atribuído a personalidades ou instituições que contribuam para o enriquecimento e o desenvolvimento da música, a paz, o entendimento entre os povos, a cooperação





internacional e outros objetivos consagrados na Carta das Nações Unidas e na Constituição da UNESCO, e em 2000 recebe o Prémio Pessoa.

A Assembleia da República, reunida em Plenário presta a devida homenagem ao imenso artista que agora nos deixa, que com a sua arte contribuiu definitivamente para a grandeza da criação musical no século-XX e apresenta à sua família as mais sinceras condolências.

Os Deputados,

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]* PSD

*[Handwritten signature]* Francisco de Azevedo

*[Handwritten signature]* PSD  
*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

NUNO ENCARNASÃO

João Semão

Miguel Trigo (PCP)

*[Handwritten signature]*  
(ESILDA AGUICHA)

Odete João

Prof. Vasco (PCP)

*[Handwritten signature]*

Acácio Pinto

Paulo (BE)

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

Calisto Tanzi (BE)

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

Jos. Teodoro (BE)

*[Handwritten signature]*  
Amadeu Soares Albergaria

*[Handwritten signature]*

Jos. Sá (PS)

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*  
(PEV)